

# **RAZÃO E MÍSTICA**

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO *PROSLOGION* DE SANTO ANSELMO**

***Maria Cândida Pacheco***  
(Universidade do Porto)

Desde os inícios da filosofia grega que se desenha uma tradição crítica baseada na constituição de uma razão teórica cujo designio é compreender os deuses, o mundo e o homem. Nesta busca da verdade, o problema do uno e do múltiplo, da acção humana nos níveis práticos e éticos, bem como os processos da linguagem estão presentes e são abordados sob diversos ângulos. Desde Platão, a filosofia visando a contemplação de um absoluto (teoria) – de uma verdade cuja prioridade ontológica é incontestável – vai adquirir, como uma das suas dominâncias, uma dimensão espiritual e mística; a busca racional, abrindo-se a um modo de vida, pode desde logo ser também entendida como exercício espiritual, de libertação gradual do corpóreo e do sensível e do regresso ao inteligível.

Estas ideias-força que o decorrer dos séculos e das circunstâncias históricas vão acentuar – e nelas Plotino deixará uma marca indelével – serão transmitidas aos primeiros autores cristãos que tentarão construir um pensamento específico e estruturado, em diálogo com a filosofia pagã e as suas intuições mais significativas, de acordo, aos seus olhos, com a Revelação. Estas ideias constituem-se – esquece-se muitas vezes – como a raiz do pensamento medieval e modelam o fundamento da tradição monástica onde se tornarão cada vez mais presentes e actuates.

No pensamento cristão, a Revelação contém em si duas dimensões inseparáveis: se, por um lado, comunica conteúdos utilizando a linguagem humana e desencadeando todo um movimento de tentativas de compreensão, uma hermenêutica sempre em aberto, por outro lado, sublinha a sua origem divina que ultrapassa todas as capacidades humanas, e impede a razão de se deter pois conhece bem as suas contingências e limitações.

Os pensadores patrísticos e medievais procuram constantemente o alargamento das capacidades da razão. Não se contentam com as aproximações possíveis ao texto da Revelação, nem julgam nunca definitivas as verdades encontradas; a razão é continuamente levada a ir mais além do significado do texto, em direcção a esse Absoluto sempre longínquo, que se situa a outro nível e cujo mistério, ainda que teofânico, nunca se desvela totalmente. A transcendência de Deus escapa ao homem na sua finitude, motivando o desejo na experiência concreta, e convocando-o, no plano noético, a uma reflexão cujo fracasso é previsível, se não estiver consciente dos seus condicionamentos.

Estes dois níveis desenham-se claramente no *Proslogion* de Santo Anselmo. No *Monologion*, todo o processo de busca se desenvolvia *sola ratione*, abrindo-se às quatro vias de acesso possíveis ao Ser Absoluto, a partir da natureza e da sua observação crítica. Ao contrário, o *Proslogion* desenvolve-se no nível da interioridade, no seio de uma razão dividida entre aquilo em que crê e ama e aquilo que quer compreender:

“Liceat mihi suspicere lucem tuam, vel de longe, vel de profundo. Doce me quaerere te, et ostende te quaerenti; quia nec quaerere te possum nisi tu doceas, nec invenire nisi te ostendas. Quaeram te desirando, desiderem quaerendo. Inveniam amando, amen inveniando.  
(...) sed desidero aliquatenus intelligere veritatem tuam, quam credit et amat cor meum.”<sup>1</sup>

Trata-se do apelo urgente da ultrapassagem da distância, marcado por um sentido de presença, quase inexplicável, que pode encontrar-se no célebre argumento cuja formulação negativa nem sempre foi suficientemente sublinhada.

Com efeito, Anselmo distingue perfeitamente o acto da fé do acto do pensamento. A certeza, tal como a alegria da fé (*gaudium*), são verdadeiramente obscuras para a razão. No entanto, o movimento do pensamento anselmiano não pode definir-se pela simples contraposição destes dois conceitos, mas sobretudo pelo seu desejo de os relacionar, sem que, por isso, permita autorizar qualquer compromisso ou domínio de um em relação ao outro. Assim o exige a transcendência de Deus, Objecto que a fé revela e oculta e que a razão procura, quase cegamente, na sua finitude, obedecendo sempre às exigências de rigor da dialéctica. Anselmo acentua-o insistentemente, apesar da confiança optimista que deposita nas capacidades da razão, como *imago Dei*, ainda que distante e ainda mais afastada do mesmo Deus, pelo pecado.

---

<sup>1</sup> *Proslogion*, in F. S. Schmitt (ed.), *S. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi Opera Omnia*, Stuttgart, Bad Cannstatt, 1968, I, p. 100, 8-11; 16-18. Todas as citações serão feitas de acordo com esta edição.

Se a presença do *insipiens* no centro da argumentação do *Proslogion* pode representar a emergência da dúvida, quase como um símbolo, ela atesta também a exigência do carácter racional e universal do percurso do autor. É certo que se encontra subjacente o desejo da visão, mas essa presença, pressentida e desejada, não se confunde em nada nem com as exigências metodológicas da razão nem com os seus processos específicos.

O argumento encontrado e que pretende substituir por si só as múltiplas vias do *Monologion* pode parecer simples numa primeira abordagem, ou até ilógico. A sua complexidade é, contudo, evidente e continua a ser, desde há séculos, um desafio apesar de todas as críticas que, de resto, nunca têm o mesmo ponto de partida.

Anselmo escreve no capítulo II:

“Et quidem credimus te esse aliquid quo nihil maius cogitare possit.  
(...) Et certe id quo maius cogitari nequit, non potest esse in solo intellectu. Si enim vel in solo intellectu est, potest cogitare esse in re, quod maius est.”<sup>2</sup>

O ponto de partida parece ser a fé (*credimus*), para se abrir imediatamente à busca da reflexão racional sobre uma verdade que a razão não possui, que não conhece, na sua ordem.

O emprego de *aliquid* é crucial, pois interdita que seja tomado em consideração a título de definição ou de conceito. *Aliquid* traduz e admite uma incerteza, implicando sempre a necessidade de superação contínua da razão que lhe pertence por direito, obrigando-a, assim, a tentar superar as suas limitações.

Este *aliquid* que não pode ser delimitado, identificado – o que é logicamente impossível pela formulação negativa na qual se insere –, denuncia a medida das restrições racionais e assinala paralelamente a causa obscura desta necessidade de busca constante, quase angustiada, que faz avançar a razão para diante, na consciência aguda da sua fraqueza e no desejo da visão clara, teórica e luminosa, que tarda sempre.

A fórmula *quo maius cogitare nequit*, ainda que possa ser aparentada com as conclusões do *Monologion*, não tira a sua origem de uma qualquer experiência exterior; parece emergir no interior do espírito e releva do seu dinamismo. Assim, exige o recolhimento e obriga o homem a entrar em si mesmo, como se vê no primeiro capítulo do *Proslogion*:

“Eia nunc, homuncio, fuge paululum occupationes tuas, absconde te modicum a tumultuosis cogitationibus tuis.(...)”

---

<sup>2</sup> *Proslogion*, p. 101, 5; 15-17.

‘Intra in cubiculum’ mentis tuae, exclude omnia praeter deum et quae te iuvent ad quarendum eum, et ‘clauso ostio’ quaere eum. Dic nunc, totum ‘cor meum’, dic nunc deo: ‘Quaero vultum tuum; vultum tuum, domine, requiro’.”<sup>3</sup>

O recolhimento, que pode definir-se como início de um *itinerarium mentis in Deum*, engendra no plano noético esta formulação que nos leva a pensar Deus, mas que não permite, em caso algum, tirar qualquer conclusão quanto à sua existência. É esta tensão que provoca e desafia o pensamento levando à argumentação dialéctica.

Notemos a indecisão do capítulo II:

“Et quidem credimus te esse aliquid quo nihil maius cogitari possit. An ergo non est aliqua talis natura, quia ‘dixit insipiens in corde suo: non est deus’?”<sup>4</sup>

Face à dúvida, Anselmo entrega-se a um exame especulativo: de facto, se esta formulação pode ser compreendida por aqueles que a ouvem, mesmo se a recusam, é porque tem uma dimensão lógica e racional universal. Vai ainda mais longe: se esta formulação se apresenta dotada de tais características, implica necessariamente, no plano racional, a existência de Deus. Trata-se de um argumento puramente lógico, pois a sua negação é absurda e só pode resultar de um erro lógico:

“Et certe id quo maius cogitari nequit, non potest esse in solo intellectu. Si enim vel in solo intellectu est, potest cogitari esse in re, quod maius est.”<sup>5</sup>

Portanto, a conclusão lógica impõe-se:

“Si ergo id quo maius cogitari non potest, est in solo intellectu: id ipsum quo maius cogitari non potest, est quo maius cogitari potest. Sed certe hoc esse non potest. Existit ergo procul dubio aliquid quo maius cogitari non valet, et in intellectu et in re.”<sup>6</sup>

Nestes dois textos é conveniente assinalar em primeiro lugar a distinção clara entre *esse in intellectu* e *esse in re*; e ainda a utilização de *id* que implica a mesma incerteza racional do termo *aliquid*. No entanto, a afirmação da existência de Deus revela-se como uma existência necessá-

---

<sup>3</sup> *Proslogion*, p. 97, 4-5; 7-10.

<sup>4</sup> *Proslogion*, p. 101, 4-7.

<sup>5</sup> *Proslogion*, p. 101, 15-17.

<sup>6</sup> *Proslogion*, p. 101, 18; p. 102, 1-3.

ria no processo do pensamento dialético; não pode ser considerada como um acidente, uma vez que se destaca a sua oposição a toda a contingência e se afirma como um caso excepcional e único. Segundo Anselmo, resulta da verdadeira *cogitatio*, ou seja, do pensamento que visa a compreensão da essência para além do nome.

O capítulo IV ilumina claramente esta diferenciação:

“Aliter enim cogitatur res cum vox eam significans cogitatur, aliter cum id ipsum quod res est intelligitur. Illo itaque modo potest cogitare deus non esse, isto vero minime.”<sup>7</sup>

Segundo Yves Cattin, «(...) pour Anselme, il s’agit d’une authentique preuve, et non pas du déploiement discursif de l’évidence cachée de Dieu déjà donné dans la Foi. Il entend ‘*sola ratione*’ prouver, argumenter, conclure. Le fait qu’Anselme souligne que ce travail est celui de la raison (*sola ratio*) montre bien qu’il prétend une découverte réelle, qui se tient en elle-même et qui, à la limite – Anselme ne craindra pas de l’affirmer dans P.IV, – a son propre pouvoir de conviction.»<sup>8</sup>

Os raciocínios dialéticos de Anselmo – como em todos os filósofos, de resto – contêm pressupostos: primeiramente, a afirmação das limitações da linguagem – um eco, talvez de Platão?<sup>9</sup> – depois, a consideração da alma como *imago Dei*, ainda que distante; finalmente, a equivalência entre o nome de Deus e o Deus da sua fé. Nota-se, contudo, um esforço real de busca de *rationes necessariae*, a fim de compreender a sua influência sobre a *veritas rei*, e de alargar as capacidades da razão ao máximo no ambicioso propósito de provar a existência de Deus apenas pela razão, mesmo se, em seguida, o monge de Bec mostra o seu desespero por não ver a Sua face.

Nesse momento, porém, Anselmo afirmará sem reticências:

“Deus enim est id quo maius cogitari non potest. Quod qui bene intelligit, utique intelligit id ipsum sic esse, ut nec cogitatione queat non esse. Qui ergo intelligit sic esse deum, nequit eum non esse cogitare.”<sup>10</sup>

No final deste mesmo capítulo, encontra-se este entrelaçar dos dois níveis evocados mais acima: o da mística e o da razão, pois Anselmo

<sup>7</sup> *Proslogion*, p. 103, 18-20.

<sup>8</sup> “S. Anselme et la tradition philosophique de l’immédiateté de Dieu”, in *L’attualità Filosofica di Anselmo D’Aosta* Roma, 1990, Benedictina – ed. Abbazia S. Paolo, p. 102.

<sup>9</sup> Por exemplo, *Teeteto*, 190 a; *Filebo*, 38 e.

<sup>10</sup> *Proslogion*, p. 104, 2-4.

reúne a acção de graças a uma proclamação feliz do poder da inteligência humana e das suas capacidades em ultrapassar a obscuridade da fé:

“Gratias tibi, bone domine, gratias tibi, quia quod prius credidi te donante, iam sic intelligo te illuminante, ut si te esse nolim credere, non possim non intelligere.”<sup>11</sup>

A afirmação ousada da superioridade da razão sobre a fé, visto que a primeira ilumina enquanto que a segunda é obscura, advém da meditação aprofundada sobre a plenitude infinita do ser. É, então, a predominância do *gaudium*. Segundo Alain Michel: «Une telle vision, à la fois intellectuelle, spirituelle et amoureuse, ne se borne pas à réaliser dans le Verbe une fusion extraordinaire entre la douleur et la joie. L’extrême dépouillement des formules logiques s’accorde à tout instant à l’émotion de la charité et au sublime du coeur. Nous rencontrons ici l’un des points les plus forts, des moments les plus mystérieux et les plus lumineux de la parole chrétienne.»<sup>12</sup>

Os argumentos dialécticos de Anselmo serão reforçados e esclarecidos pela resposta a Gaunilo (*Quid ad haec respondeat quidam pro insipiente*), onde afirma claramente a distinção entre o *esse in intellectu* e o *esse in re*, o pensamento puramente verbal e o pensamento da essência (a verdadeira *cogitatio*), a diferença entre o necessário e o contingente, o que afasta a hipótese de Gaunilo da ilha fabulosa, a afirmação que é *maius* ser no intelecto e na realidade do que existir apenas no pensamento.

Já presente no *Proslogion* e alimentada pela alegria, a descoberta da formulação deste Ser infinito cuja essência conceptual e a existência real foram provadas, segundo Anselmo, *sola ratione*, vai ser desenvolvida em detalhe nos capítulos seguintes, segundo uma abordagem sob o signo da positividade. Assim, no capítulo V, *Quod deus sit quidquid melius est esse quam non esse; et solus existens per se omnia alia faciat de nihilo*; no capítulo VI, *Quomodo sit sensibilis, cum non sit corpus*; no capítulo VII, *Quomodo sit omnipotens, cum multa non possit*; no capítulo VIII, *Quomodo sit misericors et impassibilis*; no capítulo IX, *Quomodo totus iustus et summe iustus parcat malis; et quod iuste misereatur malis*; no capítulo X, *Quomodo iuste puniat et iuste parcat malis*; no capítulo XI, *Quomodo ‘universae viae domini misericordia et veritas’, et tamen ‘iustus dominus in omnibus viis suis*; no capítulo XII, *Quod deus sit ipsa vita qua vivit, et sic de similibus*.

Estes capítulos correspondem a uma espécie de pluralidade de pers-

<sup>11</sup> *Proslogion*, p. 104, 5-7.

<sup>12</sup> *Théologiens et mystiques au Moyen Age. La Poétique de Dieu, Ve-Xe siècles*, Édition d’Alain Michel, Paris, Gallimard, 1997, p. 193.

pectivas que visam a compreensão de um ponto central, essencial, como o centro de um círculo, considerando todos os ângulos de perspectiva possíveis. A razão é assim expandida ao grau máximo das suas possibilidades. Mas este ponto é fugidio e o capítulo XIII dá-nos conta da falência desta busca, o que abre um outro registo que será retomado em seguida.

Anselmo escreve:

“Quoniam ergo maius te nihil est, nullus locus aut tempus te cohibet, sed ubique et semper es.

(...) Et quidem solus es eternus, quia solus omnium sicut non desinis, sic non incipis esse. Sed solus quomodo es incircumscriptus? An creatus spiritus ad te collatus est circumscriptus, ad corpus vero incircumscriptus?”<sup>13</sup>

É o tempo e o espaço que se projectam agora como um obstáculo e fazem surgir a inquietude e o desejo:

“An invenisti, anima mea, quod quarebas? Quarebas deum et invenisti eum esse quiddam summum omnium, quod nihil melius cogitari potest;

(...) Si vero invenisti: quid est, quod non sentis quod invenisti? Cur non te sentit, domine deus, anima mea, si invenit te?

An non invenit, quem invenit esse lucem et veritatem? Quomodo namque intellexit hoc, nisi videndo lucem et veritatem? Aut potuit omnino aliquid intelligere de te, nisi per ‘lucem tuam et veritatem tuam’? Si ergo vidit lucem et veritatem, vidit te. Si non vidit te, non vidit lucem nec veritatem. An et veritas et lux est quod vidit, et tamen nondum te vidit, quia vidit te aliquatenus, sed non vidit te sicuti es?”<sup>14</sup>

A aproximação ao Ser supremo, ao Absoluto é, pois, uma visão impossível para o homem nesta vida, excepto por um dom de Deus, e em raros momentos. Toda a iniciativa racional desemboca nesta ambiguidade resultante da própria Revelação que tanto manifesta como oculta, o que se projecta em toda a busca humana sobre Deus. Anselmo elevou as capacidades da razão ao grau mais elevado. Prova, *sola ratione*, a existência necessária do *aliquid quo maius cogitari nequit*. Mas em que consiste verdadeiramente este *aliquid*? Como apreendê-lo? Note-se a tensão que está subjacente a este capítulo. O desejo eleva-se, a razão é expandida quase além dos seus limites – pois reconhece-os, mas quer continuar a avançar, como meta-razão, dado que pressente uma Presença que a ultra-

---

<sup>13</sup> *Proslogion*, p. 110, 13-14; 17-19.

<sup>14</sup> *Proslogion*, p. 111, 8-9; 13-21.

passa e que, só ela pode preenchê-la. Segundo Yves Cattin «*Le credere dont il parle est habité du désir impossible d'un videre (...) l'intelligere est d'une certaine manière un avant-goût de la vision, un aliquatenus videre*»<sup>15</sup>.

Esta meta-razão implica, no fundo, a distensão da racionalidade ao seu máximo, até à sua ruptura, mas as suas capacidades são previamente elevadas até ao ponto de clarificação que então se impõe, o que implica, quase implicitamente, o reconhecimento dos seus limites e a apreensão pressentida de um além. Esta situação vivida e pensada, quase antinómica, pode ser simultaneamente abertura e fechamento, fundamento e horizonte longínquo.

S. Anselmo descreve este estado a partir do capítulo XIV numa perspectiva comparável à da grande tradição mística de Filon de Alexandria, de Orígenes, de Gregório de Nissa, do Areopagita e que anuncia as bases da mística especulativa do século XII, muito embora sem utilizar ainda a terminologia desta. De facto, não emprega nunca a noção de *sublevatio*, a qual, em autores como os Vitorinos, implica a amplitude lúcida de uma razão obrigada a admitir as suas fronteiras e as suas circunstâncias, que se apercebe, ainda que de forma obscura, de uma Presença que a ultrapassa, que deseja, mas que reconhece não poder atingir através dos seus próprios poderes:

“Vere, domine, haec est lux inaccessibilis, in quo habitas. Vere enim non est aliud quod hanc penetret, ut ibi te pervideat. Vere ideo hanc non video, quia nimia mihi est; et tamen quidquid video, per illam video, sicut infirmus oculus quod videt per lucem solis videt, quam in ipso solo nequit aspicere. Non potest intellectus meus ad illam. Nimis fulget, non capit illam, nec suffert oculus animae meae diu intendere in illam. Reverberatur fulgore, vincitur amplitudine, obruitur immensitate, confunditur capacitate. O summa et inaccessibilis lux, o tota et beata veritas, quam longe es a me, qui, tam prope tibi sum!”<sup>16</sup>

A formulação do Ser supremo que a razão alcança está então envolvida por uma *lux inaccessibilis*, numa espécie de treva. Anselmo glosa esta temática nos capítulos seguintes: “Adhuc lates, domine, animam meam in luce et beatitudine tua, et idcirco versatur illa adhuc in tenebris et miseria sua”<sup>17</sup>. Utilizando de novo uma via negativa, afirma ainda as limitações da razão e o desejo profundo de as ultrapassar.

Segundo Yves Cattin, ao examinar o nome de Deus – ponto de parti-

<sup>15</sup> Yves Cattin, *op.cit.*, p. 109.

<sup>16</sup> *Proslogion*, pp. 112, 20-27; 113, 1.

<sup>17</sup> *Proslogion*, p. 113, 8-9.



da da dialéctica anselmiana – os atributos que lhe podem ser conferidos, ainda que elevados ao mais alto grau, Anselmo constata que este nome «(...) ne dit rien de l'être de Dieu et ne précise aucune qualité ou attribut. (...) Le nom est donc une affirmation vide de tout contenu de pensée: il est, pour la pensée, un pur indice de transcendance.»<sup>18</sup>

O *insipiens* mantém-se ao nível deste indício, como de resto Gaunilo, que parte em sua defesa. Mas Anselmo submete-o à sua razão, ao encadear dos seus raciocínios, liga-o à sua fé e tenta, no plano dialéctico, demonstrar logicamente que ele traduz uma Presença ausente que quer desvelar já que a pressente obscuramente. Daí a formulação negativa desde o início e a utilização de *aliquid*, de *id*, na sua indeterminação.

Nesta perspectiva, compreende-se, então, os dois registos nos quais Anselmo irá mover-se ao longo do *Proslogion*: o da fé e o da razão, o da razão e o da mística. Pode ler-se a obra como um *intellectus fidei* desde que se tenha o cuidado de não confundir os dois percursos, de ser o mais rigoroso possível no verificar da utilização da dialéctica e dos seus processos: «C'est la *claritas veritatis* qui fonde la *necessitas rationis* – l'expression anselmienne de cette loi intérieure de la raison, éloignée de toute extériorité, où débouche son exercice intellectuel – cet '*aliquatenus intelligere veritatem tuam*', selon le *Proslogion*. L'unité complexe de cette recherche se projette sur l'ordre interne des oeuvres d'Anselme.»<sup>19</sup>

É precisamente este esforço intelectual que constrói uma metafísica estruturada e lógica, consciente, é certo, das suas limitações e dos seus contornos, mas que, no entanto, não pode fechar-se em si. Perante o esgotamento da razão, nas margens dos seus limites, persiste o desejo de continuar, por uma abertura à mística, tal como o atestam os últimos capítulos do *Proslogion*:

“Et iterum ecce turbatio, ecce iterum obviat maeror et luctus quaerenti gaudium et laetitiam! Sperabat iam anima mea satietatem, et ecce iterum obruitur egestate! (...) Releva me de me ad te. Munda, sana, acue, ‘illumina’ oculum mentis meae, ut intueatur te. Recolligat vires suas anima mea, et toto intellectu iterum intendat in te, domine.”<sup>20</sup>

Estes capítulos são ricos em interrogações. A razão não cessa o seu trabalho de busca, limitada, angustiada:

<sup>18</sup> Yves Cattin, *op.cit.*, pp. 114-115.

<sup>19</sup> Maria Cândida Pacheco, “Aux sources d’une Théologie comme Science: St. Anselme et Abélard”, in *Knowledge and the Sciences in Medieval Philosophy*, Proceedings of the eight International Congress of Medieval Philosophy (S.I.E.P.M.), Helsinki, Annals of the Finnish Society for Missiology and Ecumenics 55, Vol. III, p. 470.

<sup>20</sup> *Proslogion*, pp. 113, 18-19; 114, 10-13.

“Adhuc lates, domine, animam meam in luce et beatitudine tua, et idcirco versatur illa adhuc in tenebris et miseria sua. Circumspicit enim, et non videt pulchritudinem tuam. Auscultat, et non audit harmoniam tuam. Olfacit, et non percipit odorem tuum. Gustat, et non cognoscit saporem tuum. Palpat, et non sentit lenitatem tuam. Habes enim haec, domine deus, in te tuo ineffabili modo (...)”<sup>21</sup>

Os sentidos espirituais despertos, não chegam. Anselmo confessa-o no capítulo XVIII:

“Sperabat iam anima mea satietatem, et ecce iterum obruitur egestate! Affectabam iam comedere, et ecce magis <inchoo> esurire! Conabar assurgere ad lucem dei, et recidi in tenebras meas”<sup>22</sup>.

Até ao fim da obra, Anselmo mistura diferentes abordagens numa alternância de positividade e negatividade, tentando esgotar todos os recursos do plano noético: *Quod non sit in loco aut tempore, sed omnia sint in illo* (capítulo XIX); *Quod sit ante et ultra omnia etiam aeterna* (capítulo XX); *An hoc sit ‘saeculum saeculi’ sive ‘saecula saeculorum’* (capítulo XXI); *Quod solus sit, quod est et qui est* (capítulo XXII); *Quod hoc bonum sit pariter pater et filius et spiritus sanctus; et hoc sit unum necessarium, quod est omne et totum et solum bonum* (capítulo XXIII); *Coniectatio, quale et quantum sit hoc bonum* (capítulo XXIV); *Quae et quanta bona sint fruuntibus eo* (capítulo XXV); *An hoc sit ‘gaudium plenum’, quod promittit dominus* (capítulo XXVI).

Se Anselmo, no *Monologion*, estabeleceria *sola ratione*, a necessidade absoluta do Ser Supremo, assinala no *Proslogion*, após ter provado por um só argumento lógico a sua absoluta necessidade de ser *in re*, os atributos possíveis a conferir, mas sempre marcados pelas limitações da linguagem humana, ou seja, na sua inacessibilidade.

Notemos, ainda assim, que perante a dúvida e a perturbação, o monge de Bec não interrompe a sua busca nem racional nem espiritualmente:

“Oro, deus, cognoscam te, amem te, ut gaudeam de te. Et si non possum in hac vita ad plenum, vel proficiam in dies usque dum veniat illud ad plenum. Proficiat hic in me notitia tui, et ibi fiat plena; crescat amor tuus, et ibi sit plenus; ut hic gaudium meum sit in spe magnum et ibi sit in re plenum”<sup>23</sup>.

Se o círculo da razão parece fechar-se sobre si mesmo, após ter chegado a provar os seus méritos e as suas mais elevadas capacidades, a

<sup>21</sup> *Proslogion*, p. 113, 8-13.

<sup>22</sup> *Proslogion*, pp. 113, 19; 114, 1-2.

<sup>23</sup> *Proslogion*, pp. 121, 14-18.

constatação do que pode parecer um fracasso, pelas suas limitações noéticas, revela, no fundo, a abertura de um novo horizonte, numa curva ascendente e assintótica em direcção ao Absoluto.

É por esta mesma tensão, verdadeiramente humana, que a *ratio Anselmi* continua, ainda hoje, a ser um desafio.

### RESUMO

Numa revisitação do *Proslogion* anselmiano, busca-se tentar decodificar a sua complexidade em função das duas vertentes razão e mística, positividade e negatividade.

Inserindo-se o texto numa linha de interioridade nítida, nele ressalta o significado da formulação do célebre argumento, encontrada a esse nível, para tentar expressar Deus e demonstrar lógica e rigorosamente, em toda a plenitude da razão, a sua necessária existência, como caso único e excepcional: *aliquid quo nihil maius cogitare possit*.

Pode afirmar-se que o raciocínio no seu encadeamento racional se estrutura sem falhas, afastando qualquer confusão entre o nível do conceptual e do real, chegando a uma conclusão necessária e irrefutável, se se aceitarem os mesmos pontos de partida. A utilização dos termos *aliquid* e *id* impede que essa formulação possa ser considerada como definição ou conceito, fechados em si mesmos, tal como a sua expressão de negatividade, na sua indeterminação, desvela uma necessidade urgente e contínua do racional se ultrapassar a si mesmo, num caminho de algo apenas pressentido.

Esta perspectiva, que se conexiona em última análise com a perspectiva dupla da própria Revelação como desocultação/ocultação, projecta-se no próprio texto, o qual como que se cinde a partir do capítulo XIII, na análise dos atributos de Deus, deixando de lado uma via de positividade que se esgota e abrindo-se à negatividade.

Se a *ratio* pode argumentar, concluir e chegar à descoberta de um argumento estruturado e coerente, com amplitude universal, apercebe-se, igualmente, das suas limitações.

O alargamento máximo das capacidades da razão para chegar a Deus, não basta a Anselmo, já que experiencia, paralelamente, o seu desespero em não conseguir ver a Sua face.

É essa tensão subjacente a todo o texto do *Proslogion* e mais claro ainda nos últimos capítulos, que desvela a dialéctica da razão e da mística, interagindo, sem que se misturem os seus processos, os seus métodos e as suas linguagens, desencadeando, afinal, uma busca sempre inconclusa do Absoluto.

Este dinamismo processual de forças em presença que, mergulhando as suas raízes nos Platonismos clássicos transmutados pela Patrística, virá a aflorar, claramente, na mística especulativa do século XII, marca fundamente o pensamento medieval. Com efeito, nele estão sempre presentes, um entendimento lúcido da razão e a confiança nas suas capacidades especulativas, e, paralelamente, o reconhecimento claro da sua relatividade e o apelo de uma Presença pressentida mais do que pensada. Assim a razão é impedida de se fechar em círculo,

já que tenta, sempre, chegar ao Absoluto que não a determina, mas que a motiva incessantemente, para além do humano.

### RÉSUMÉ

En revenant sur le *Proslogion* anselmien, on essaie d'analyser sa complexité en fonction de deux versants: raison et mystique, positivité et négativité.

Tant que le texte s'insère dans une nette ligne d'intériorité, il y ressort le sens de la formulation du célèbre argument, rencontrée à ce niveau-là, pour essayer d'exprimer Dieu et démontrer logique et rigoureusement, en toute plénitude de la raison, son existence nécessaire, comme cas unique et exceptionnel: *aliquid quo nihil maius cogitare possit*.

On peut affirmer que le raisonnement, dans son enchaînement rationnel, s'ordonne sans défauts, en écartant quelque confusion entre le niveau du conceptuel et celui du réel, et en arrivant à une conclusion nécessaire et irréfutable, si l'on accepte les mêmes points de départ. L'emploi des termes *aliquid* et *id* empêche que cette formulation-là puisse être considérée comme une définition ou un concept, fermés en eux-mêmes, autant que son expression de négativité, dans son indétermination, dévoile un besoin urgent et continu, pour le rationnel, de se surpasser soi-même, dans un chemin qui mène à quelque chose seulement présente.

Cette perspective, qui se lie, en somme, avec la double perspective de la Révélation comme dévoilement/voilement, se projette dans le texte même, lequel se fend, pour ainsi dire, à partir du chapitre XIII, dans l'analyse des attributs de Dieu, en abandonnant une voie de positivité qui s'épuise, et en s'ouvrant à la négativité.

Si la *ratio* peut argumenter, conclure et arriver à la découverte d'un argument ordonné et cohérent, avec une amplitude universelle, elle s'aperçoit également de ses limitations.

Le plus grand élargissement des capacités de la raison pour arriver à Dieu ne suffit pas à Anselme, étant donné qu'il éprouve parallèlement son désespoir de ne pas réussir à voir Son visage.

C'est cette tension subacente au texte entier du *Proslogion*, et plus clairement encore aux derniers chapitres, qui dévoile la dialectique de la raison et de la mystique, interagissant l'une avec l'autre, sans se mêler les procédés, les méthodes et les langages; déchaînant, enfin, une quête toujours sans fin de l'Absolu.

Ce dynamisme des forces en présence, lequel, plongeant ses racines dans les Platonismes classiques transmués par la Patristique, reviendra clairement dans la mystique spéculative du XII<sup>e</sup> siècle, marque profondément la pensée médiévale. En effet, un entendement lucide de raison et la confiance dans ses capacités spéculatives y sont toujours présents, aussi bien que la claire reconnaissance de sa relativité et l'appel d'une Présence plutôt pressentie que pensée. Ainsi, la raison est empêchée de se fermer en cercle, pourvu qu'elle essaie toujours d'arriver à l'Absolu, qui ne la détermine pas, mais qui la motive incessamment au-delà de l'humain.